



Urbano Bettencourt

# O Ciclo da Baleia

## – Dias de Melo

A reunião destas três obras num volume único, sob a designação de *O Ciclo da Baleia*, representa a concretização de uma sugestão de J. H. Santos Barros em 1977.

Escreveu, então, o poeta terceirense: «*Mar pela proa* é [o] seguimento natural de *Mar Rubro* (1958) e *Pedras Negras* (1964) e poderiam os três livros ser reunidos num único volume que o leitor nada teria a perder. Com efeito, «Ciclo da Baleia» (...) se poderia chamar à mais significativa produção literária de Dias de Melo.» (*20 anos de literatura e arte nos Açores*. Lisboa, Grupo de Intervenção Cultural Açoriano, 1977, pp. 18-21).

E em 1979, por ocasião dos 25 anos da vida literária de Dias de Melo, Santos Barros voltou ao assunto no *Diário de Lisboa* (16.07.1979).

Por essa altura, Dias de Melo já publicara *Toadas do mar e da terra* (poemas, 1954) e ainda *Cidade Cinzenta* (1971) e *Na noite silenciosa, poemas de Natal* (1973). Por isso, a designação «Ciclo da Baleia» selecionava três obras do autor, associando-as pelas suas afinidades temáticas e discursivas e estabelecendo entre elas um determinado nexos sequencial.

A designação difundiu-se depois na leitura crítica da obra de Dias de Melo e, ainda em 1979, Tibério Silva publicou na revista *A Memória da Água-Viva* (n.º 5, pp. 8-13) um extenso ensaio a que deu o título de «O Ciclo da Baleia». O jovem estudante de Direito ocupava-se da trilogia e assinalava, na obra de Dias de Melo, a relevância do contencioso social e o posicionamento do autor, tomando partido pelos oprimidos e explorados, como era o caso dos baleeiros. Mas a importância desse texto resulta ainda do facto de ter suscitado alguns comentários a Dias de Melo, numa carta que nos enviou e foi publicada no número seguinte da revista.

Nela, o escritor dava conta de projetos que gostaria de levar a cabo e onde, afinal, traçava um plano daquilo que viria a concretizar-se na impressionante recolha de *Na Memória das Gentes* – em três livros e cinco volumes.

Sobre o Ciclo da Baleia, escreveu Dias de Melo que lhe parecia «injusto excluir [dele] a coletânea de poemas *Toadas do mar e da terra*», acrescentando: «Antes de mais, esta designação aparece como a determinar um certo número de escritos que, na minha vida de escritor, modestíssima, já acabou. Ora, há ainda muitas histórias de baleias e dos baleeiros do Pico por escrever. (...) Daí o me parecer lembrar a quantos tão lisonjeiramente falam do meu «ciclo da baleia» que, provavelmente, este ainda não está encerrado.» (*MAV*, n.º 6, 1980, pp.37-38). O tempo veio provar que, de facto, o Ciclo não estava encerrado.

Quanto ao primeiro reparo de Dias de Melo: ao contrário do que ele supunha na sua carta, a exclusão de *Toadas do mar e da terra* não se prendia com a qualidade da obra, mas relevava de um critério facilmente observável: a dimensão narrativa das três obras.

Com efeito, a narrativa, com as suas particularidades discursivas, possibilita a criação de universos complexos, abrindo caminho à transfiguração de mundos conhecidos.

Ora, foi principalmente através da narrativa que Dias de Melo nos deu a conhecer o universo da baleação picoense, embora a dedicação a uma causa que tomou como sua o tenha levado igualmente a investigar a história dessa atividade e o perfil de algumas figuras que a ela ficaram indelevelmente ligadas.

O Ciclo da Baleia reúne três obras relativamente díspares quanto à amplitude dos seus universos e quanto ao seu estatuto literário: da narrativa de *Pedras Negras* e *Mar pela Proa* à crónica de *Mar Rubro*, com a sua liberdade discursiva, do narrativo ao descritivo, à evocação e ao retrato, num registo em que a atitude autoral de empatia para com a matéria da crónica se traduz numa certa aura mítica que envolve acontecimentos, objetos e pessoas, procedendo a uma espécie de «sagração» de figuras que ultrapassaram condicionalismos vários e atingiram o estatuto de «heróis».

Aliás, nas sucessivas tábuas bibliográficas que integram a obra de Dias de Melo, *Mar Rubro* aparece sempre com a classificação de «crónicas romaneadas», o que parece significar o reconhecimento de um certo grau de efabulação que as atravessa. E tendo em conta a sua composição parcelar e atomizada, poderemos talvez falar de *Mar Rubro* como um «romance fragmentário», cujas peças se interligam e obedecem a um determinado propósito composicional.

O livro abre com o episódio dinâmico da arriada à baleia, seguindo-se a delimitação do espaço («Terra de baleeiros», pp. 41-43) com a identificação dos seus polos de referência, entre eles, a *casa dos botes* (importante para o registo de um tempo específico) e a caracterização de um modo de vida, entre o mar e a terra, a permanência e a partida: «Terra de baleeiros – vida de baleeiros.»

Na sua aparente dispersão, as crónicas de *Mar Rubro* articulam-se por uma subtil relação de contiguidade: personagens de maior ou menor relevo, episódios de teor diverso relacionam-se entre si por um elemento comum: ocorrem em terra de baleeiros e tipificam a vida de baleeiros, compondo o vasto panorama de um tempo e de um lugar.

Apesar de obra autónoma, *Mar Rubro* configura, assim, o espaço e o «ambiente» de onde sairão as histórias que suportam as «narrativas maiores» *Pedras Negras* e *Mar Pela Proa*.

*Pedras Negras* ocupa um lugar central no ciclo da baleia e direi mesmo na obra de Dias de Melo.

Já o escrevi noutra lado, e por isso vou citar-me: «Em *Pedras Negras* está a transfiguração literária de todo um mundo insular num tempo determinado, um mundo ameaçado pelas contingências do presente e pela memória do passado (...)

Está lá, em *Pedras Negras*, o sonho com outros mundos e a revolta de quem se sente expulso da própria ilha, e ainda essa experiência fundamental da descoberta do outro que a viagem proporciona; está lá o gesto solidário no microcosmo multicultural da baleeira *Queen of the Seas*, mas também a versão açoriana do «homem lobo do homem» na figura do emigrante Albano Passarinho, exemplo lapidar de como a vítima de ontem pode tornar-se o carrasco de hoje. E, traço relevante, trata-se de uma narrativa (também) do regresso, coisa não muito frequente no contexto açoriano.

«Neste caso, o regresso permite o ajuste de contas entre a Ilha e o rebelde Francisco Marroco, que ousara desafiar o destino insular: “Não é a terra do Pico que me há de roer os ossos”, afirma Francisco Marroco, antes de embarcar clandestinamente na barca baleeira que o levará à América (p. 176).

«E, como se sabe, toda a ousadia será castigada.

«O tempo retomará o seu ciclo destruidor; voltarão as secas, as fomes e a morte; a inveja e os negócios sujos completam a destruição natural: o protagonista será aniquilado, a punição atingirá culpado e inocentes, à maneira da tragédia grega.» (U. Bettencourt, *Sala de Espelhos*, p. 164).

No final, os baleeiros, entre eles, António Marroco, filho de Francisco, acabam presos nas Lajes, vítimas do conluio entre o Delegado Marítimo e Chico Gaudêncio, proprietário da «Armação Baleeira União e Fraternidade».

Do ponto de vista de causalidade narrativa, a intriga de *Mar Pela Proa* decorre deste desenlace de *Pedras Negras*.

Vendo as suas soldadas roubadas pelo armador, presos em seguida por reclamarem os seus direitos, os baleeiros tomam posteriormente, uma vez libertos, a decisão de fundarem uma companhia que seja só deles e lhes permita controlar os meios e o processo de trabalho.

«Mas, o mestre bem sabe, a gente jurou nunca mais pôr os pés em botes que fossem do Chico Gaudêncio...» (p. 305), afirma António Marroco, durante a viagem em que os baleeiros trazem do Cais do Pico para a Calheta a lancha e os botes comprados para a sua Companhia Nova.

Será uma viagem trágica: a súbita alteração do tempo destrói o sonho de todos, com naufrágio e mortes, três baleeiros arribam a S. Jorge, um à Terceira.

A narração acompanha o percurso dos homens que se salvaram, no ritmo ora desabrido dos botes levados pelo vento e pelo mar, ora mais distendido nos momentos de retrospectiva, e num dramatismo que alterna a presença da morte e a luta pela sobrevivência com a rememoração de episódios pessoais e lança luz sobre outros que em *Pedras Negras* tinham sido elididos.

Como explica o autor no documento que encerra o volume, *Mar pela Proa* recupera para o domínio da ficção o episódio ocorrido no canal de S. Jorge - Pico em março de 1923 (o Desastre do Canal).

Mas não se trata de uma simples transposição ou recriação: algumas personagens de *Pedras Negras* «migram» para *Mar pela Proa*, entre elas, António Marroco; além disso, Dias de Melo pôs de lado a cronologia e transpôs para a década de quarenta o episódio dos anos vinte.

É uma forma de homenagear vítimas e sobreviventes do desastre de 1923 e de estabelecer uma conexão narrativa entre *Pedras Negras* e *Mar pela Proa*. Mas é também um traço ideológico que aponta uma solução, depois de ter denunciado a degradação das relações laborais no mundo da baleação (ver a p. 352). No fundo, uma escrita de compromisso com os homens e o seu tempo, como Dias de Melo escreveu na «Nota de Abertura» em *Mar pela Proa*.

A edição deste Ciclo da Baleia, com um elucidativo e útil Glossário e um belo aspeto gráfico, a que acresce o retrato de Dias de Melo por Tomaz Borba Vieira, representa um passo importante para a redescoberta escritor e pode constituir um bom sinal, neste momento em que falta menos de um ano para o centenário de nascimento do autor.

MELO, Dias de (2024), *O Ciclo da Baleia. Mar Rubro, Pedras Negras, Mar pela Proa*. Coordenação e nota editorial de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa, Imprensa Nacional.

As referências e números de página remetem para esta edição.